

---

## DO XÁ AO AIATOLÁ: A REVOLUÇÃO IRANIANA ATRAVÉS DE VEJA (1978-1979)

## THE SHAH TO THE AYATOLLAH: THE IRANIAN REVOLUTION THROUGH VEJA (1978-1979)

---

David Anderson Zanoni  
Mestrando PPGH – UPF  
david\_zanoni@hotmail.com

**RESUMO:** Ao longo da década de 1970, o Irã passava por um momento de instabilidade política e social, o qual, no final dessa década, culminou em um levante popular que decretaria o fim de uma monarquia autocrática e ditatorial do xá Mohammed Reza Pahlavi. Desta forma, iniciava-se no Irã a República Teocrática Islâmica, liderada pelo aiatolá Ruhllloh Khomeini. O processo de queda da monarquia e promulgação de uma República Teocrática Islâmica, o qual, a historiografia denominou Revolução Iraniana, foi mundialmente explorado pelos meios de comunicação de massa, inclusive no Brasil. A partir disto, procuramos analisar como o periódico brasileiro semanal *Veja* abordou o processo iraniano, a partir de algumas edições que, inclusive, foram capa do semanário. Sendo assim, nossa proposta contempla o estudo da história através da imprensa. Assim, objetivamos analisar a história por meio da imprensa, problematizando os eventos a luz do conteúdo noticiado pelo semanário *Veja*.

**PALAVRAS-CHAVE:** História e imprensa. Revista *Veja*. Revolução iraniana.

**ABSTRACT:** Throughout the 1970s, Iran was going through a time of political and social instability, which at the end of the decade, culminating in a popular uprising that would decree the end of an autocratic and dictatorial monarchy of Shah Mohammed Reza Pahlavi. Thus, we initiated in Iran's Theocratic Islamic Republic, led by Ayatollah Khomeini Ruhllloh. The process of fall of the monarchy and promulgation of an Islamic Theocratic Republic, which, historiography called Iranian Revolution, the world was explored by means of mass communication, including Brazil. From this, we analyzed the periodic weekly Brazilian See addressed the Iranian case, from some issues that even made the cover of the weekly. Thus, our proposal contemplates the study of history through the press. Thus, we aimed to analyze the story through the press, discussing the events of the light content reported by the weekly *Veja*.

**KEYWORDS:** History and press. Magazine *Veja*. Iranian revolution.

### Introdução

A partir de setembro de 1978, Teerã, capital do Irã, foi tomada por uma crescente onda de manifestações populares que exigiam a deposição do xá Mohammed Reza Pahlevi. A partir

de 1963, Mohamed Reza Pahlevi, iniciou um conjunto de reformas político-econômicas e de infraestrutura que visavam modernizar o, entendido pelo monarca o atrasado Irã. Objetivando tornar o país uma potência regional, nos moldes ocidentais, o monarca deu início a uma série de medidas governamentais que foram chamadas de “Revolução Branca”. Entretanto, tais reformas não contemplavam, em nada, o bem estar de grande parte da população iraniana, a qual sofria com sérios problemas assistências na saúde, educação e, praticamente, inexistiam leis trabalhistas.

Segundo Osvaldo Coggiola,

[...] era um “plano de desenvolvimento”, ideia então em voga nos países “subdesenvolvidos”, que beneficiava somente uma elite urbana em detrimento da maioria da população que vivia na zona rural, que não possuía sequer luz elétrica ou água encanada. O governo, em vez de reinvestir os lucros dos seus projetos em programas sociais, passou a investir em tecnologia militar de ponta, tornando-se, em pouco tempo, o maior comprador mundial da produção bélica norte-americana. Assim aumentou o fosso entre a classe dominante e a maioria pobre da população. (COGGIOLA, 2007, p.45)

Seu governo, uma monarquia que perdurava 37 anos, era contestado por uma população cada vez mais descontente em virtude da repressão política estatal, das diferenças sociais gritantes, além da exploração e más condições de trabalho, sobretudo, dos funcionários das petrolíferas. Além disso, o xá tinha o firme propósito de secularizar a política de Estado, ou seja, separar totalmente religião da política no Irã. Contudo, os clérigos xiitas iranianos, há anos presentes nas discussões políticas, sobretudo com relação ao comportamento e hábitos tradicionais dos iranianos (homens e mulheres) através dos preceitos da fé islâmica e os ensinamentos do Alcorão, não concordariam em serem deslocados do processo político. Desta forma, estabelecia-se um choque entre o projeto laico do xá, entendido como modernizante, e o islã iraniano, este encarado como entrave para o progresso proposto pelo monarca.

[...] as reformas do xá aprofundaram a secularização e a ocidentalização no Irã o que não agradou em nada os líderes religiosos que detinham grande influência sobre a população. Os religiosos entendiam que tal modernização

infringia os costumes islâmicos e deturpavam a cultura do país. O xá ficou conhecido a partir de então como “inimigo do islã (AZEVEDO, 1999, p.398)

Com o passar dos anos, sobretudo a década de 1970, as contestações populares a essa política excludente e de privilégios às elites, além da abertura do país ao capital estrangeiro, principalmente estadunidense, foram se agravando e tomando contornos irreversíveis. A partir disto, líderes religiosos, valendo-se do mote popular, incitaram a população, já descontente com o discurso de “ocidentalização” e “destruição” dos costumes islâmicos, enraizados na sociedade iraniana a gerações. Neste processo temos o destaque do líder religioso, o aiatolá Khomeini, exilado pela ditadura do xá desde 1964. Cabe ressaltar que, neste processo de instabilidade política e social, as mesquitas foram os locais de organização para a insurgência iniciada em 1978.

Na década de 1950, Khomeini convenceu-se de que a única maneira de o Irã ser governado com justiça e honestidade era com os ulemás<sup>1</sup> participando ativamente do governo. Suas ideias desenvolveram-se nesse sentido durante os anos 1960, quando iria para o exílio<sup>2</sup>. (GORDON, 1987).

Ruhollah Khomeini mostrou à consciência nacional que um homem poderia se opor publicamente ao autoritarismo do xá. Sua prisão pelas mãos da autoridade secular somente ampliou sua reivindicação por justiça. Atraindo mercadores, professores, operários e profissionais, Khomeini basicamente tomou as rédeas da luta contra o xá Mohamed Reza, que seus protetores estrangeiros haviam roubado das mãos dos nacionalistas em 1953. (MACKEY, 2008, p.226).

Mesmo no Exílio, Khomeini orientava, através dos líderes locais, as ações de contestação ao regime do xá. “Sua obstinada defesa do Islã e do Irã tinha lhe valido a liderança sobre muitos ulemás e o apoio de grande número de outros iranianos”. (GORDON, 1987). Contudo, a política ditatorial e repressiva do monarca, não permitia qualquer contestação ao seu regime. Através de sua polícia política, a SAVAK, o xá Pahlevi, coagia e

<sup>1</sup> Homem de instrução religiosa.

<sup>2</sup> No dia 21 de março de 1963, nas vésperas do Nawruz, ano novo iraniano, Khomeini acusou o governo do Irã de conspirar com os Estados Unidos e Israel para destruir o Islã. A partir deste acontecimento, as rivalidades entre o líder religioso e o governo do xá se acentuaram, fazendo com que Khomeini deixasse o país sob ameaças de morte em 1964.

reprimia violentamente a população que, gradativamente, se organizava ainda mais em torno do ideal de deposição do governo monárquico.

Os acontecimentos relacionados ao tenso momento político-social iraniano seriam acompanhados e noticiados incessantemente pelos meios de comunicação televisivos e impressos mundialmente. Assim, tomando este fervor midiático como referência, buscou-se saber como tais fatos estavam sendo reportados pela imprensa brasileira. Desta forma, chegamos ao periódico semanal *Veja*. A revista noticiou, quase semanalmente, exceto com algumas raras edições de pausa, todo o processo pré e revolucionário iraniano desde 1978, quando se deram as primeiras manifestações populares contra o regime, até a queda da Monarquia em janeiro de 1979, com a fuga do Xá Mohamed Reza Pahlavi, iniciando seu exílio nos Estados Unidos. Posteriormente o semanário acompanhou a instauração da República Teocrática Islâmica Iraniana, dirigida pelo líder e mentor religioso Aiatolá Ruhollah Khomeini até sua morte em 1989.

Até pouco tempo atrás, o Irã parecia um reino encantado. Segundo maior exportador de petróleo do mundo, superado apenas pela Arábia Saudita, o velho império persa, situado entre os confins das Arábias e União Soviética, pouco maior que o estado do Amazonas, tornou-se um Oasis milionário. [...] Como explicar que um império com tamanho poderio econômico e militar tenha sido abalado, quase ao ponto de ruptura, por uma rebelião popular comandada por líderes religiosos muçulmanos, cuja única arena real é seu próprio fanatismo? (VEJA, ed. 539, p.36-37).

Neste trabalho, iremos analisar as representações de *Veja* acerca dos fatos relacionados com a revolução iraniana em 1979 e seus desdobramentos iniciais da recém instaurada República Islâmica. Tendo em vista que imprensa não é um veículo descompromissado de opinião, a qual exprime uma ideologia, mesmo que, às vezes, de forma implícita, objetivamos analisar com que enfoque *Veja* transpôs os fatos do Irã no recorte supracitado. Entendemos esse pressuposto da imprensa através das palavras de MARIANE (1999), a qual considera que,

o ato de noticiar (...) não é neutro nem desinteressado: nele se encontram, entrecruzam-se, os interesses ideológicos e econômicos do jornal, do repórter, dos anunciantes bem como, ainda que indiretamente, dos leitores. Além desses fatores, as forças políticas em confronto no momento histórico

em que divulga um acontecimento vão constituir também os sentidos produzidos pelas notícias (MARIANE, 1999, p.102-121).

Neste trabalho, estamos compreendendo o conceito de representações a partir da leitura de Roger Chartier. Segundo este autor,

As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto às lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 2002, p. 91-110).

A escolha da Revista *Veja*<sup>3</sup> do Grupo Abril, justifica-se pelo intenso enfoque e cobertura aos fatos ocorridos no Irã no recorte temporal que norteia a problemática da pesquisa, além do fácil e irrestrito acesso através de seu acervo digital. Além disso, *Veja* é destaque entre o segmento de revistas com cunho jornalístico devido ao seu poder de circulação no país e no exterior. Em seus números mais recentes, a tiragem do periódico tem em média 1.182.981 exemplares semanais, sendo que destas 904.393 são assinaturas e 137.172 são comercializadas de forma avulsa. Assim, a revista caracteriza-se como o “carro chefe” das publicações do grupo Abril.<sup>4</sup>

Também consideramos importante citar, como referência teórica em nossa proposta, o trabalho do historiador Edwar Said, em seu clássico “Orientalismo: O oriente como invenção do Ocidente”, de 1978. Nesta obra, reimpressa pela terceira vez em 2003, Said analisa como o termo orientalismo foi utilizado para a construção de uma representação do Oriente no Ocidente. Essa construção fora realizada com bases ditas acadêmicas e científicas, pois se baseavam em pesquisas, dos chamados orientistas, nas mais diversas áreas do saber:

<sup>3</sup>A revista *VEJA*, terceira maior publicação semanal de informação do mundo, lidera o ranking das marcas mais lembradas entre os consumidores na categoria revista, e ocupa o terceiro lugar no total de marcas de todos os segmentos avaliados. É o que revela a pesquisa ABA (Associação Brasileira dos Anunciantes) /Top Brands 2009, realizada entre os dias 27 de julho e 11 de agosto de 2009 com homens e mulheres entre 20 e 65 anos das classes A, B e C das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife, Curitiba, Belo Horizonte e Salvador. Disponível em <http://www.publiabril.com.br/pesquisas/13> acesso em 18 de julho de 2013 às 15h50min.

<sup>4</sup> Informações disponíveis em <http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/revistas/circulacao-geral> acesso em 20 de julho de 2013 às 18h20min.

biologia, filosofia, lexicografia, história, geografia, etc. Assim, tais estudos tinham respaldo na erudição e intelectualidade, o que, segundo Said, sugere imparcialidade e objetividade. Said afirma que o Orientalismo, “leva-nos a perceber que o imperialismo político rege todo o campo de estudo, imaginação e instituições eruditas -, de tal maneira que torna o ato de evitá-la uma impossibilidade intelectual e histórica”. (2003, p. 42).

Num contexto de dualismo/maniqueísmo cultural, que busca, por vezes, reforçar o discurso diferenciador entre Oriente e Ocidente, propõe-se discutir e analisar que elementos, visualizados no conteúdo do periódico, podem contemplar e reforçar esta hipótese de construção e/ou reconstrução da representação sobre o *outro*, por meio da mobilização do contexto iraniano pela mídia nacional.

### A revista *Veja*

Lançada em setembro de 1968, *Veja* iniciava sua trajetória como uma proposta inovadora. Tão diferente, em relação às revistas do seguimento que já existiam – *Cruzeiro* e *Manchete* – que causou um grande impacto nos leitores que compraram sua primeira edição. Ao contrário do que se esperava, tal impacto, porém, fora negativo. Principalmente para Vitor e Roberto Civita, respectivamente dono da Editora Abril e diretor do semanário. O número seguinte do periódico, após o lançamento, sofreria uma queda drástica nas vendas, consequentemente fruto deste primeiro contato.

A estranheza dos leitores fora tamanha que os anos que se seguiram seriam de declive total. Chegou-se, inclusive, a cogitar o fechamento da revista, contudo, Roberto Civita, convicto de seu projeto, manteve a revista funcionando, apelando, às vezes, ao pai um tempo a mais. O tempo, como sabemos, terminou por dar-lhe razão. Nas palavras de Thomaz Souto Corrêa

Mas foi do maior fracasso de vendas que a Abril teve em toda sua história que nasceu a maior revista brasileira, quarta do mundo na sua categoria: *Veja*. Lançada em 1968, talvez com a mais cara campanha de propaganda jamais feita para uma revista no Brasil, *Veja* esgotou setecentos mil exemplares na primeira edição. E foi caindo, caindo, até chegar abaixo dos cem mil. A expectativa gerada por uma marca que falava em ver (apesar do *e leia* pequenino embaixo de *Veja*), fez com que a revista ilustrada aguardada

por quem comprou o primeiro número fosse um enorme desapontamento. (CORRÊA, 2008, p. 218)

Segundo Maria Celeste Mira, *Veja* nascera da experiência que Roberto Civita, filho do proprietário da Editora Abril, o empresário ítalo-brasileiro Victor Civita, adquiriu após formar-se em jornalismo na Pensilvânia e do período como estagiário do grupo *Time-Life*. Sua tese de conclusão de curso teve como temática a Editora *Curtis* da Philadelphia<sup>5</sup>. Assim, ao regressar dos EUA, em 1958, Roberto proporia ao pai uma revista aos moldes de *Time*, ou seja, uma revista ilustrada, entretanto com conteúdo jornalístico e diversificado, nacional e internacional. (MIRA, 2001)

Mesmo tendo um grande planejamento publicitário para o seu lançamento, encarado como um dos maiores da história dos impressos brasileiros, *Veja* passou por sérios problemas administrativos nos primeiros anos de vendas. E isso ocorreu por alguns elementos, entre eles, o estranhamento dos leitores com o formato do periódico, sendo que o público esperava uma revista ilustrada aos moldes de *Manchete* e *Fatos e Fotos* e, revistas de entretenimento leve, sem aprofundamento de caráter jornalístico. No entanto, depararam-se com uma revista informativa e jornalística, vista por muitos como “pouco atrativa aos olhos”.<sup>6</sup>

O fato que melhor explica o pleno sucesso de vendas do primeiro número é a mobilização proposta por uma imensa e substantiva campanha publicitária. Criada pela agência Standard sob o comando dos publicitários Roberto Duailib, Neil Ferreira e Anibal Gustavini, a campanha incluiu a veiculação de um programa de 12 minutos especialmente produzido pela Rede Record de Televisão e transmitido em rede nacional, no horário nobre das 22 horas do domingo que antecedeu seu lançamento, onde se apresentava ao futuro público leitor as imagens da produção da revista. Além disso, na mesma noite de domingo aconteceu um jantar para 600 pessoas na boate paulistana *O Beco* e nas salas de cinema de todo o país, antes da exibição dos filmes em cartaz, foi veiculado um documentário de Jean Manzon sobre o lançamento da revista, feito nos meses anteriores, durante o preparo dos pilotos. (VILLALTA, 2002, p.11)

<sup>5</sup> CF. MIRA, a Curtis Publishing Company havia sido nada mais nada menos do que uma das gigantes norte-americanas na primeira metade do século. Criada por Cyrus Curtis na Philadelphia, Pensilvânia, no final do século XIX, ela cresceu rapidamente a partir de 1908. Em 1970, após a morte do seu fundador e da concorrência com o rádio, a Editora vende sua lista de assinantes para a revista *Life*. (grifos nossos).

<sup>6</sup> Cf. MIRA, Maria Celeste. Durante os cinco primeiros anos, *Veja* operou no vermelho, com sua vendagem em banca despencando dos 650 mil exemplares no primeiro número até em torno de 20 mil exemplares, situação dramática para uma revista da Editora Abril.

Com um público leitor acostumado as grandes imagens de *Manchete* e *Cruzeiro*, além do ainda grande número de analfabetos no Brasil, o estranhamento da nova revista parecia inevitável. Porém, a campanha publicitária de *Veja*, não deixara claro essa perspectiva, pelo contrário, o próprio nome sugeria que seria uma revista extremamente ilustrada, recheada de imagens e com fácil assimilação aos seus consumidores. Assim, sua chegada às bancas era extremamente aguardada pelo público, ávidos de conhecer a nova publicação.

Era necessário agir para salvar a revista, caso contrário o desfecho seria, inevitavelmente, “fechar as portas”. Assim, Roberto Civita e Mino Carta tiveram a ideia que salvaria a revista. Iniciaram um processo de encarte de imagens sobre grandes fatos que estavam ocorrendo a partir de 1969. O primeiro deles seria a saga de Apollo 11, a missão da Agência Espacial americana, NASA, e a chegada do homem a lua. Mapas rodoviários do Brasil também seriam encadernados juntamente às edições, sendo assim mais uma das estratégias utilizadas para socorrer a revista. Em 1971, montou-se uma proposta de assinaturas, com o intuito de fidelizar os leitores e garantir as vendas do semanário.

Enquanto a revista se adaptava às características do mercado brasileiro, alguns esforços adicionais foram importantes para o sucesso futuro. A fim de tornar a revista mais desejada, um fascículo com a história da ida do homem à Lua foi encartado. Era “A conquista da Lua – de Galileu até hoje”, lançado em 1969. Mais dois se seguiram, um sobre “Anos 60, a década que mudou tudo”, também em 1969, e outro, sobre “História do século XX”, em 1974. (CORREIA, 2008, p.220).

Além disso, Mino Carta convidou Millôr Fernandes, já famoso cartunista, para fazer parte do grupo de redação no ofício de chargista, sendo responsável por duas páginas de humor semanais. Publicaram-se resenhas de filmes e livros. Colocou-se na abertura da revista uma entrevista com perguntas e respostas, mais tarde estas entrevistas se consagrariam como as páginas amarelas.

As páginas amarelas, consagradas hoje, guardam um caricato conto. Sua origem, segundo o próprio Roberto Civita fora uma mera obra do acaso, na verdade teria sido o resultado de uma falta de papel para impressão. O fato é que, observou-se no parque gráfico, uma quantia considerável de páginas amarelas, tendo em vista que estavam às vésperas do próximo número, os redatores e Roberto, não tiveram escolha a não ser fazer uso das tais

folhas, tendo em vista não atrasar a entrega do periódico às bancas e, principalmente aos assinantes. Portanto, de um mau planejamento, ou falta dele, surgiram as páginas amarelas, às quais atualmente são reservadas para entrevistas.

A partir dessas ações, a revista tomou novo fôlego e gradativamente foi aumentando suas vendas, recuperando, nos anos seguintes, a quebra dos primeiros e negativos números iniciais.<sup>7</sup> Essas adaptações, portanto, demonstram a preocupação da imprensa com o elemento mercadológico, uma vez que, no caso de *Veja*, buscou-se entender as necessidades ou gostos dos consumidores para aumentar a vendagem e conseqüentemente manter-se no mercado. Maria Celeste Mira retrata outros fatores deste crescimento.

A partir de 1973 a circulação cresce sem parar devido as sucessíveis campanhas de assinatura e diversas alterações editoriais e gráficas, em 1981 ultrapassa os 500 mil exemplares, em 1984 já era a revista de maior faturamento da empresa. *Veja* teve de se adaptar ao padrão de visualidade do leitor contemporâneo, muito afeito às imagens que o bombardeiam de todos os lados. Em 1984 a revista chegou ao quinto lugar mundial com 800 mil exemplares, e em 1996 ao terceiro, aonde ultrapassava a marca de 1 milhão de exemplares. (MIRA, 2001, p. 93).

Passadas as dificuldades iniciais, *Veja* teve rápida ascensão no mercado, e o contexto político e social brasileiro foram pontos altos desse crescimento, ou seja, acontecimentos relevantes não faltaram. Sobretudo, tendo em vista o regime militar, iniciado em abril de 1964, que, de um lado, promovia a perseguição aos opositores do governo, e, de outro, a revolta daqueles que não concordavam com o modelo político repressor existente.

### Por que o Irã vira notícia em *Veja*?

Através das leituras sobre as notícias vinculadas ao Irã em nosso *corpus* de pesquisa, observamos que uma das questões mais recorrentes, no semanário, está vinculada ao petróleo iraniano. Com a crise política estabelecida desde o início das manifestações populares contra o governo monárquico do xá Mohammed Reza Pahlevi, em 1978, a produção petrolífera no Irã apresentou queda constante. A revista, assim, anunciava, em vários momentos, os números

<sup>7</sup> Outra medida fora a adoção de um “*caderno de investimentos*”, o caderno de economia teve tamanha aceitação que anos mais tarde tornou-se a revista *Exame*.

da vertiginosa diminuição na produção petrolífera e discutia, exaustivamente, a possibilidade, segundo seu discurso, da eminente falta do produto, acarretando desta forma, no esvaziamento do fornecimento de petróleo para os países ocidentais, inclusive o Brasil. Como para época o Irã era o segundo maior produtor e exportador do produto para o mundo, *Veja* esboçara sua preocupação seguidamente sobre esta temática.

Na edição nº. 540, de 10 de janeiro de 1979, o semanário traz a questão do petróleo em um Box explicativo, sob o título: “Torneiras que fecham”, no qual, além de demonstrar a preocupação sobre a falta do produto no Brasil, expõe em números os prejuízos da diminuição na produção petrolífera iraniana para alguns países, europeus, africanos e os Estados Unidos. É importante observar, igualmente, a preocupação de situar o leitor geograficamente sobre o Oriente Médio, o que demonstra uma espécie de caráter didático e explicativo da revista.

Responsável até o início da atual crise por 10% da produção mundial de petróleo – 280 milhões de toneladas por ano, ou 6 milhões de barris por dia - , o Irã é um fornecedor vital para os países ocidentais e o Japão. [...] Caso paralisação nas refinarias se prolongue, vários países poderão ser obrigados a recorrer ao racionamento de combustível. Entre os mais prejudicados estarão a África do Sul e Israel, que não têm acesso ao petróleo dos países árabes. [...] O governo americano, por sua vez, fez um apelo para que os consumidores reduzam o gasto de combustível. (VEJA, ed.540, p.38).

Fica evidenciado aí a preocupação da revista com a questão do abastecimento de petróleo, o que, como dizemos, é recorrente em várias edições ao longo do recorte deste estudo, ou seja, 1978-1989. Com relação às explicações sobre a falta de produção petrolífera, o atributo principal é o caos organizacional iraniano, decorrente do processo de revolta popular contra o governo.

Assim, são comuns os relatos sobre as greves nas petrolíferas, o que propicia a visão de que os trabalhadores não estão sendo impedidos de trabalhar em virtude do caos, mas eles mesmos abandonam seus postos de trabalho, não apenas nas refinarias, mas no serviço público, nos bancos e nas escolas, desta maneira, gerando uma total crise nos vários âmbitos do Estado Iraniano. “Na semana passada, enfim, ocorreu algo inimaginável até algum tempo: uma onda de greves atingiu serviços essenciais como correios, bancos e aeroportos, acabando

por se alastrar para o sensibíllssimo, vital setor do petróleo, base de toda a economia nacional”. (VEJA, ed. 531, p.40).

### **Veja e a Revolução iraniana de 1979**

A edição nº. 541 de 17 de janeiro de 1979, *Veja* anunciava a queda da Monarquia de Mohammed Reza Pahlevi e o triunfo dos opositores ao seu regime. A capa desta edição enfatiza o povo iraniano e coloca em um pequeno Box a imagem do xá, trajado com roupas militares, com expressão de derrota e insatisfação.

Entretanto, no conteúdo interno da revista, na reportagem de capa, relações internacionais do Irã com os Estados Unidos e a importância do Irã na economia mundial. Além disso, o semanário procura traçar um panorama de todo o governo de Mohammed Reza Pahlavi durante seus 37 anos no trono do governo iraniano.

“Abandonado pelos Estados Unidos, o xá anuncia que deixará o Irã. Com a monarquia iraniana desabando, a instabilidade ronda uma região vital do mundo” (VEJA, 541, p.28). Esse era o título da reportagem de capa da revista, que trazia entre outras questões, a preocupação com o que ela chama de região vital. Tal expressão, relatada no decorrer da reportagem, se deve a preocupação com o abastecimento de petróleo a vários países, o qual o Irã é responsável. Salienta o periódico que, com a mudança governamental liderada por religiosos antiocidentais, as exportações poderiam sofrer embargos, o que comprometeria países dependentes deste recurso.

E o jogo do Irã, para todo o mundo, tem consequências pesadas. Com os formidáveis 6 milhões de barris que, em épocas normais, jorram por dia de seus campos de petróleo, o Irã representa um papel de relevância na economia mundial, especialmente para os países ocidentais. [...] e teme-se que um regime antiocidental, eventualmente instalado em Teerã, possa rever as prioridades de suas vendas”. (VEJA, 541, p.28).

Com a crise governamental iraniana, em um processo de transição, sem um governo ou governante instalado no poder, sem um regime político declarado, o semanário lança a seguinte questão: “Que espécie de governo os americanos gostariam de ver instalado em

Teerã?” A própria *Veja* na sequência responderia: “Por enquanto, as fichas de Washington estão lançadas no próprio governo do primeiro-ministro Bakhtiar”.(VEJA, 541, p.32).

O governo provisório de Bakhtiar, fora uma estratégia política de Reza Pahlavi para atenuar as manifestações e contestações ao seu governo, na tentativa de arregimentar forças oposicionistas, em uma possibilidade de conciliação para manutenção da monarquia. Entretanto, de nada adiantou tal manobra, pois a população iraniana já não o queria mais no governo.

De qualquer modo, o semanário analisa que Bakhtiar é moderado – um social democrata formado na França – o qual, ainda seria melhor para os estadunidenses do que “um regime inspirado no fundamentalismo religioso muçulmano, principal catalisador das massas sublevadas iranianas e que tem como líder um religioso exilado na França”. (VEJA, 541, p.32)

Em um segundo momento, ao fechar a sessão anterior, *Veja* trás um segundo título reportagem. “Caindo das alturas: a vertiginosa queda do xá, do poder absoluto à solidão de um regime em ruínas”.(VEJA, 541, p.34). Neste título, a revista se ocupa em demonstrar a queda meteórica do que era conhecido como um governo estável e sem as mínimas possibilidades de ter um final tão repentino como o fora. Inclusive, em visita a Teerã em 1977, um ano antes do início das manifestações, o próprio presidente dos Estados Unidos Jimmy Carter, relatava que nunca havia visto um governo e um país em tamanha harmonia.

A revista procura fazer um panorama da dinastia Pahlevi, lembrando que Mohammed Reza Pahlavi herdara de seu pai o trono do Irã, o monarca Reza Khan. Lembra igualmente do episódio ocorrido em 1953, quando o xá sofrerá um golpe de estado de seu primeiro ministro Mossadegh, e teve de deixar o Irã as pressas. Episódio este que estava se repetindo naquele momento, em 1979. Entretanto, a revista deixa de mencionar que este golpe foi arquitetado pela CIA para enfraquecer opositores e fazer o xá retornar ainda mais influente ao Irã, abrindo assim, de vez, as portas do país para os Estados Unidos.

O periódico também faz alusão a figura do xá no episódio de 1953, conhecida mais tarde nos Estados Unidos como “*Operação Ajax*” em um relato de um agente que denunciara o esquema para a imprensa. Neste ponto *Veja* diz com relação ao jovem xá, fazendo um contraponto com o monarca que fugia do Irã em 1979.

Ninguém podia imaginá-lo, então como o monarca absolutista e empreendedor em que iria se transformar no começo da década de 1970. E nada indicava que o Irã, então uma relíquia decadente da antiga civilização persa, poderia ascender, com o boom petrolífero ao clube das nações milionárias do planeta. (VEJA, 541, p.32)

Um país portando em fase de crescimento e próspero, o qual anteriormente era decadente e a partir das iniciativas do xá, tornava-se uma potencia da região do Golfo Pérsico. Contudo, Veja omite, nesta edição, o desequilíbrio social existente no Irã, sobretudo a partir das iniciativas da “revolução branca” em 1963. Vale lembrar que foram justamente essas medidas que incitariam a população a insurgir contra o governo, no entanto, sendo violentamente reprimidas pelas forças militares leais ao monarca.

Além disso, a edição não menciona o fato que as empresas responsáveis pela extração do petróleo eram estrangeiras, sendo assim, a maior parte da lucratividade delas, portanto, vai para o país de origem; que os recursos obtidos pelo governo eram revertidos em melhorias para a elite iraniana e não para a grande parte da população. Assim, podemos entender, a partir deste contexto, que a ideia de progresso entendida por *Veja* está ligada ao poderio econômico, oriundo do petróleo ou dos petrodólares e não ao contexto de bem estar social.

### **Orientalismo<sup>8</sup> e a revolução iraniana através das imagens de *Veja***

Neste estudo, propomos a ideia de utilizar o conceito de orientalismo, capitaneado por Edwar Said, ao nosso objeto de estudo, a revista semanal *Veja*. Tal propósito se deve por entendermos que, a partir da análise de conteúdo do semanário, os elementos observados na revista exemplificam algumas das preocupações levantadas por Said em sua obra. Por exemplo, o dualismo entre Ocidente e Oriente fica exposto, como veremos, no conteúdo de *Veja*. Mesmo que de forma implícita, por vezes, tal elemento não deixa de ser mantido, no que podemos entender como uma maneira de construção de uma imagem e representação do

---

<sup>8</sup>Segundo Said, comparado a estudos orientais ou estudos de área, é verdade que o termo Orientalismo deixou de ser o preferido dos especialistas atuais, não só porque é demasiado vago e geral, como porque conota a atitude arrogante do colonialismo europeu do século XIX e do início do século XX. (SAID, 2003, p.28).

O Oriente Médio, neste caso do Irã, e da cultura e religião islâmica desta região aos leitores da revista.

O Orientalismo não é um simples tema ou campo político refletido passivamente pela cultura, pela erudição ou pelas instituições; nem é representativo ou expressivo de alguma execrável trama imperialista “ocidental” para oprimir o mundo “oriental”. É antes a *distribuição* de consciência geopolítica em textos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filosóficos; é a elaboração não só de uma distinção geográfica básica (o mundo é composto de duas metades desiguais), mas também de toda uma série de “interesses” que, por meios como a descoberta erudita, a reconstrução filosófica, a análise psicológica, a descrição paisagística e sociológica, o Orientalismo não só cria, mas igualmente mantém; é, mais do que expressa, uma certa vontade ou intenção de compreender, em alguns casos controlar, manipular e até incorporar o que é um mundo manifestamente diferente. (SAID, 2003, p.40-41).

Desta forma, seguindo as ideias propostas por Said, procuramos confrontar nosso objeto de estudo, ou seja, o conteúdo da revista *Veja* acerca da revolução iraniana. Neste caso, o conteúdo da edição 546 de 21 de fevereiro de 1979, a qual, trás em sua capa a imagem do líder religioso, o Aiatolá Ruhllloh Khomeini em destaque e, em um pequeno espaço no canto superior da capa, alguns iranianos empunhando armas, em um sinal do confronto entre civis e militares na insurgência popular iniciada em meados de 1978.

Na reportagem de capa da edição 546 de fevereiro de 1979, a revista trazia o seguinte título: “*As chamas do Islã*”. A conotação com a religião islâmica é uma constante na reportagem de capa que segue. Nesta edição *Veja* faz um panorama dos eventos em Teerã a partir da volta de Khomeini, dando a entender, portanto, que a volta do líder teria instigado ainda mais as massas na tomada total desmobilização do governo anterior, ou seja, a volta de Khomeini é entendida como um “divisor de águas”, nos eventos acerca do processo revolucionário.

“[...] bastaram onze dias, da presença de Khomeini em Teerã, após um exílio de quinze anos [...] para que a insurreição iraniana ganhasse os contornos definitivos de uma revolução. [...] um verdadeiro assalto popular ao poder...” (VEJA, 1979, p.34)

A ligação de intransigência e violência ligada ao líder Ruhllloh Khomeini é constante nas reportagens. As imagens normalmente trazem afigura do aiatolá junto a tanques de guerra, armas e aos conflitos em Teerã. Quanto ao xá, a revista limita-se dizer que seu governo de 37 anos fora conduzido com “mãos de ferro”. O periódico não deixa de frisar que junto às ações da massa: ataques a prédios públicos, polícia, bancos, ou seja, o caos generalizado, sempre ouviam-se gritos de exaltação ao líder Khomeini.

Com relação ao caráter religioso, o semanário preocupa-se em deixar cristalizada a estreita ligação entre o islã e a política. Em praticamente todas as páginas que seguem, a questão religiosa como vetor político e contestatório é mencionado. Assim, o islamismo toma contornos, por vezes, fanáticos e extremos. Inclusive, nesta edição, existe um Box exclusivo para tratar tal assunto, com o título: “*a contestação política em nome de Alá*”.

Nesta análise, *Veja* mostra que em Washington, o departamento de Estado chamado “*centro de operações para crises*” trabalhava vinte e quatro horas, analisando os possíveis desdobramentos dos eventos no Irã. Tal preocupação dava-se pelo fato da morte do embaixador estadunidense no Afeganistão Adolph Dubs, morto em uma troca de tiros entre, forças soviéticas, as quais controlavam o país neste período, e guerrilheiros muçulmanos xiitas.

“A morte do embaixador fez extravasar para além das fronteiras do Irã, na mesma semana da revolução iraniana, as atenções para um fenômeno ainda intrigante mas que toma, dia a dia, um ritmo irreversível: a utilização da religião islâmica como ponta-de-lança para atos políticos extremistas”. (VEJA, 1979, p.35)

Portanto, essa vinculação direta entre a religião e o caráter político oculta praticamente toda questão social, na qual a revolução iraniana se pautava. Os 37 anos do governo de Mohammed Reza Pahlevi<sup>9</sup> pouco são mencionados. O desequilíbrio social e as perseguições políticas a qualquer ideia oposicionista ao seu governo igualmente são ocultados. Será que o semanário estava preocupado com a censura do regime militar brasileiro? Seria possível

<sup>9</sup> Cf. COGIOLLA (2008). “No Irã, enquanto os Britânicos enriqueciam o país permanecia cada vez mais desigual socialmente. Na refinaria de Abadan, o salário era de 50 centavos por dia, sem direito a férias remuneradas, auxílio doença ou indenização por invalidez. As condições de vida eram extremamente insalubres, não havia água encanada nem eletricidade [...] enquanto os administradores da Anglo-Iranian vivam em enormes casas, com ar condicionado, piscinas e belos jardins.

pensar que relatar, de maneira mais aprofundada o governo Pahlevi seria demasiado próximo a realidade brasileira?

Penso que não seria exagero de nossa parte ponderar tais questões, entretanto, guardadas as especificações e contexto, o Irã era transposto pelo semanário como um país em colapso político e isso se devia ao descontrole populacional insurgente, organizado em torno dos apelos de um líder religioso que, segundo *Veja*, utilizando da crença popular e do islã, promovia um assalto ao poder governamental iraniano.

### **Modernidade x Atraso: Ocidente x islã**

Analisando nosso objeto de estudo através do *corpus* delineado, observamos constantemente um discurso que procura balizar conceitos como modernidade e atraso ou retrocesso infra estrutural, social, político, econômico e cultural quando comparado o governo de Mohammed Reza Pahlevi e a promulgação de uma República Islâmica. Assim, temos o embate entre o projeto moderno, reformador, progressista e liberal do xá, com projeto retrogrado, socializante, controlador do aiatolá Khomeini.

A origem deste choque entre o Oriente Médio em relação ao modelo entendido como ideal, uma espécie de paradigma ocidental de sociedade: progressiva, liberal e científica, é debatida por Armstrong (2001), quando a autora afirma que,

O mundo islâmico foi sacudido pelo processo de modernização. Em ser um dos líderes da civilização global, o mundo islâmico foi rápida e permanentemente reduzido, pelas potências europeias, a um bloco dependente. Os muçulmanos foram expostos ao desprezo dos colonialistas, que estavam tão inteiramente imbuídos do etos moderno que muitas vezes ficavam estarecidos com o que eles só podiam ver como atraso, ineficiência, fanatismo e corrupção da sociedade muçulmana. Eles presumiram que a cultura europeia sempre fora progressista, e lhes faltou a perspectiva histórica que lhes permitirá ver que eles estavam simplesmente vendo uma sociedade agrária pré-moderna, e que alguns séculos mais para trás a Europa tinha sido exatamente tão “atrasada”. (ARMSTRONG, 2001, p.198-199).

Para ilustrar essa discussão, podemos observar na edição 532 de novembro de 1978, em que *Veja* fazia a seguinte pergunta em um Box: “O que querem os ayatollahs?”. Após

fazer uma análise conjuntural dos eventos que vinham ocorrendo no Irã, supracitados. Posteriormente a partir da página 42 a revista parece responder a questão.

O sonho dos ayatollahs talvez seja reconverter todo o país ao ritmo imutável que hoje se observa na santa Qom. Ali, não há antenas de televisão a desfigurar a paisagem e nenhum cinema público ameaça seduzir os mais vulneráveis. Também não há lugar para bebidas alcoólicas, e todas as mulheres usam o *chador*, o tradicional manto que lhes cobre o rosto e o corpo, passando boa parte de seu tempo a tecer finos tapetes persas. (VEJA, ed. 532, p.42).

No trecho acima, fica visível um preconceito com relação aos valores islâmicos pregados pelos religiosos. O fato de valorizar os aspectos distantes da cultura ocidental ligada à televisão e ao cinema, ou seja, símbolos da, nas palavras de Guy Debord (1992), “Sociedade do Espetáculo” é motivo de um ataque sarcástico pelo semanário. Além do distanciamento ao consumo de bebidas e mulheres seminuas, comuns nas sociedades ocidentais e, ao que parece atribuindo status positivo nisto e negativo para as mulheres muçulmanas pela sua preservação sexual, o que vale lembrar, recomendada no Alcorão.

O fim e ao cabo, tais atributos, portanto, são vistos como exógenos e, desta forma, na visão do periódico, na contra mão da modernidade. A revista ainda terminaria esta sessão questionando a seguinte questão: “Será possível voltar esse dia-a-dia num país onde hoje se constroem centrais nucleares, há intermináveis congestionamentos de trânsito e faturam-se 60 milhões de dólares diários com as exportações de petróleo?”. (VEJA, 532, p. 42).

Contudo, o semanário, em sua construção discursiva, ocupa-se constantemente de uma estratégia jornalística, a fala em terceira pessoa. Com isso, projeta-se com impessoalidade, dando ao receptor a ideia de objetividade, imparcialidade e, busca da veracidade no conteúdo reportado, uma suposta reconstrução fiel e real dos fatos. Segundo a pesquisadora Julia Nander Dietrich (2006), parafraseando Barros (2003)<sup>10</sup>. “A utilização da terceira pessoa como porta-voz do discurso é, um recurso utilizado na ‘criação’, ou no emprego de uma objetividade que ‘finge’ um distanciamento da enunciação e ao mesmo tempo lhe confere um

<sup>10</sup>A construção midiática da identidade islâmica no pós 11/09: Demonização de uma civilização e apagamento da memória histórica mundial. Artigo apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em <http://ebookbrowse.net/r0319-1-pdf-d32158251>.

efeito de ‘verdade objetiva’ baseada na premissa da investigação jornalística”. (apud BARROS, 2003, p.55)

A edição 536 de 13 de dezembro de 1978 inicia com uma citação de Khomeini ao povo iraniano. “Povo iraniano: sacrificai vosso sangue para proteger o Islã e depor o tirano... O sangue triunfará sobre a espada!” (Ayatollah Ruhollah Khomeini). Além disso, temos as imagens acima, as quais, mais uma vez, reforçam a questão da violência e o rancor do povo iraniano ao governo do xá. Desta vez, uma das imagens frisa a participação da mulher muçulmana no movimento que objetiva o fim da monarquia. “Mas, na prática, os ayatollahs, inimigos intransigentes de qualquer evolução, nunca conseguiram exercer influência ao nível de governo – ao contrário, receberam sucessíveis golpes da monarquia”. (VEJA, 539, p.37)

No ocidente, o Islamismo começou a ser visto como força antiocidental e antidemocrática, instigadora de atividades subversivas e terroristas. Os E.U.A. nunca se conseguiram recompor da virulência antiamericana da Revolução Iraniana de 1978-1979. Durante meses a fio, as televisões de todo o mundo transmitiram imagens das multidões iranianas em fúria gritando *slogans* antiamericanos, queimando a bandeira dos Estados Unidos e acusando os E.U.A. de serem o “grande satã” – designação que perduraria na retórica fundamentalista até os nossos dias. (PINTO, 2003, p.17).

A legenda deixa explícito seu ideal, ou seja, vingança. A segunda imagem trás a violência, seguidamente ressaltada, e uma sequência lógica da primeira imagem, enfim, o perfil de ódio pelas mortes ocorridas durante os embates entre militares e população civil. O que não vemos, entretanto, são fotos que mostrem as forças do xá, ou seja, o exército imperial, este não aparece no enfrentamento com a população, quem é colocado sempre em evidência, portanto, é substancialmente a população iraniana, ora mulheres, ora homens, mas em comum destacando os olhares raivosos e sedentos pela queda da monarquia.

## Considerações finais

Ao fazer uma análise documental do conteúdo da revista *Veja*, com o propósito de verificar a construção de representações acerca do Irã, em um contexto revolucionário, podemos, a partir disto, tecer algumas considerações a respeito do estudo realizado.

A revista vincula o caráter religioso como vetor propulsor do levante popular ao governo imperial do xá Mohammed Reza Pahlevi (1941-1979). Sendo que, o fator religioso apenas fora um canal de comunicação para a organização do movimento contestatório. Lembramo-nos que as mesquitas eram o único local não censurado pelos órgãos governamentais do xá. Assim, o periódico generaliza a religião islâmica e a vincula, por vezes, diretamente com o fanatismo ou fundamentalismo religioso. Quando, na verdade, as pessoas estavam sendo reprimidos e vivendo sobre o espectro do medo, devido a perseguição do regime monárquico, através da polícia do xá, a SAVAK.

Outro fator importante observado é a escolha das imagens da revista para relatar os fatos no Irã. É comum, como foi exposto, as imagens apresentarem o caráter violento e de caos generalizado no Irã. O conteúdo iconográfico passa uma visão unilateral da cultura iraniana e islâmica, homogeneizando política, religião e cultura. Também mostra apenas os movimentos antigoverno, e, em momento algum, traz imagens de forças do governo em confronto a população civil.

Sem dúvida trata-se de uma das catástrofes intelectuais da história o fato de que uma guerra imperialista fabricada por um pequeno grupo de funcionários públicos norte-americanos não eleitos, tenha sido desencadeada contra uma ditadura em frangalhos no Terceiro Mundo por razões puramente ideológicas, ligadas a dominação mundial, controle da segurança e escassez de recursos, porém com os reais objetivos mascarados – e sua necessidade defendida e explicada – por orientalistas que traíram o compromisso acadêmico. (SAID, 2003 p. 15-16).

Outro elemento importante, o qual merece destaque é o atraso vinculado ao islamismo ou a mudança governamental. No discurso da revista *Veja* a monarquia era sinônimo de desenvolvimento, modernização, reforma progressista. Como vimos, para os iranianos, tais reformas não respeitavam os costumes e tradições da fé islâmica, fora o fato da maioria da população não granjear as benesses oriundas de tal processo reformista. Por outro lado, o regime dos aiatolás, ou a possibilidade de implantação do mesmo, era visto como atraso, retrocesso ou retorno a um período de decadência infraestrutural.

Desta forma, propomos este estudo para melhor compreender como um veículo midiático impresso pode construir representações de uma sociedade de forma parcial e unilateral. Com uma estreita e pouco aprofundada *Veja* constrói uma imagem preconceituosa

e errônea do povo iraniano. Evidenciando o pouco ou nenhum conhecimento de causa sobre esta cultura, o periódico apresenta uma sociedade com simplificações e reducionismos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, Karen. *O Islã*. Tradução – Anna Olga de Barros Barreto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BENETTI, Marcia. “A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*”. LÍBERO - Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. ISSN: 1517-3283. Disponível em <http://www.casperlibero.edu.br/canais/index.php/revista-libero,c=105> acesso em 20 de maio de 2013 às 13h39min.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

COGIOLLA, Osvaldo. *A Revolução Iraniana*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

MACKAY, Sandra. *Os iranianos: Pérsia, Islã e a alma de uma nação*, tradução Solution Idiomas Ltda. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.

Revista *Veja*. São Paulo, 1978-1979. Acervo digital. Disponível em [www.veja.com.br/acervodigital](http://www.veja.com.br/acervodigital) acesso em 12/05/14.

SAID, Edward W. *Orientalismo: O oriente como invenção do Ocidente*, tradução RosauraEichenberg – São Paulo: Companhia das letras, 2007.